

A cidade das maravilhas, leituras de Marco Polo e Ítalo Calvino

Adeíto Manoel Pinho (UEFS)

Os motivos que fazem do relato de Marco Polo um livro de fundação de uma fortíssima tradição podem residir simplesmente no encontro inusitado e difícil de dissimular, a percepção do novo, ou na capacidade de invenção individual. Seu vigor alimenta literaturas diversas como: de viagens, comercial, dos descobrimentos, da noção de existência de outras culturas fora do ocidente. Ela talvez fosse imitação do grande relato homérico da *Odisséia*, tal qual aquele, povoando o imaginário ocidental de preciosidades, feitos heróicos de homens temperamentais e rudes, e outros tantos, completos na sua própria inteireza dentro e contra a lenda que os representava antes. Inteireza tão contundente que, tanto faz desvendá-los ou fotografá-los, eles continuam filiados àquela raça de homens híbridos, centauros, medusas e ciclopes.

Há um poder na narração poliana que nos seqüestra a todos para o século das andanças por entre um mundo perfumado com iguarias, temperos e amaciado pela transparente seda, possessões de outras cores e de outras rezas. Acostumado a olhar, politicamente, para Roma e Grécia, e, religiosamente, para Jerusalém, o homem europeu é forçado a perceber além, onde estão os mouros e os tártaros depois dele. O tempo de Marco Polo já é da rasura do humano e da geografia, talvez, por isso, a vitalidade do *Livro das Maravilhas*. O texto de Ítalo Calvino sofre dessa atração, pois a sua feitura não é da proteção de um deus vingativo e nem o mediterrâneo parece mais ser o coração pulsante das procelas do pensar. Sua narrativa faz viagem por outras geografias, travessias da ciência, pelos créditos/descréditos filosóficos e, finalmente, da solidão de onde tudo existe a partir do vai-e-vem da pergunta-resposta. Institui-se diálogo para se reconhecer, movimento corporal indicando as possibilidades de en-

tendimento, conversa entre dois obscenamente diferentes, mas que se constroem como iguais enquanto interagem.

Segundo Francisco Ferreira de Lima (2004, p. 127), o grande mérito de Marco Polo foi de ter ido ao oriente e visto, enquanto outros tantos falaram dele sem ter mesmo ido, e, outros ainda mais preocupantes, foram e nada viram. A gradação, no entanto, dessas três categorias da literatura de viagem resulta numa narração tanto desajustada e desproporcional, lotada de invencionice, daqueles que nem sequer foram; aqueles que foram e não viram, estavam tão sobrecarregados da razão religiosa e direito divino, de ali tomar o lugar dos nativos, que muito pouco têm do oriente em suas falas. Possivelmente, ele, o nativo, está nos relatos na sua parcela de equívoco e pecado. O terceiro, o caso de Polo, por ter visto, estabelece uma luz ofuscante nas suas descrições que talvez impeça, até hoje, a percepção do novo. Esse ofuscamento também é construído pela cultura para que não se veja o Outro na sua humanidade. São três imagens também exageradas, as que aqui desenho, com a finalidade de um caminho de encontro e de diálogo, às vezes, calçado em placas de cerâmica cozida – então a viagem será mais confortável. Em outras oportunidades, afigurada como o deserto de areia fustigante e águas amargas. Sendo assim, o cuidado e a identificação com os sinais perigosos do caminho tornam-se as únicas marcas de segurança da jornada até as metáforas de Calvino. Certamente, o autor de *O Visconde partido ao meio* combate fogo com fogo, se a imagem é apropriada. O seu livro, bordado de metáforas, é ainda uma maneira de aplacar a luminosidade do texto de Polo e dele se aproximar buscando o seu enigma.

O relato de Marco Polo está organizado em três partes: Livro Primeiro, Livro Segundo e Livro da Índia. Na primeira parte do Livro Primeiro, ficamos sabendo que o protagonista da relação está preso e, para desenfado seu, resolve informar ao um escrivão – Rusticiano ou Rusticelli, Rusticello, Rustiziano – sobre todas as maravilhas que teria visto e ouvido testemunho nas suas andanças pelos domínios do chefe supremo tártaro, Cublai Cã*. Em tom de evocação, ele diz para quem vai o livro:

Senhores, Imperadores, Reis, Duques e Marqueses, Condes, Fidalgos e burgueses, e todos vós que desejais conhecer as diferentes raças e as variedades das diversas regiões do globo, tomai este livro e mandai que vo-lo leiam; e nele encontrareis todas as imensas maravilhas e curiosidades da nobre Armênia e da Pérsia. (POLO, 2004, p. 35)

Logo que já sabemos a quem vai o livro, o autor explicita as suas credenciais: “(...) assim as descreverá nosso livro e vo-las explicará, clara e ordenadamente, como

as conta Misser Marco Polo, sábio e nobre cidadão de Veneza, tal como as viram seus olhos mortais”. (POLO, 2004, p. 35)

O viajante admite ao escrivão que nem tudo viu:

Algumas coisas, porém, não viu, mas escutou-as de outros homens sinceros e verdadeiros. Portanto, nos referimos às coisas vistas por vistas e às ouvidas por ouvidas, para que nosso livro seja fiel, sem artifícios e enganos e para que as aventuras que aqui se descrevem não sejam tomadas por fábulas. (POLO, 2004, p. 35)

Discordando da teoria do olhar (PINTO-CORREIA, 2003, p. 16), o visto se junta ao ouvido para ter a concretude do existente. Apesar de a visão ser – em espaço teórico – o sentido mais importante, outros não deixam de ter relevo para que a síntese de boa parte do mundo mapeado neste livro contribua para fixar a tradição de escrever sobre a viagem.

O relato cobre as três áreas principais da literatura de viagens: o político, as fontes científicas e o gênero literário. No campo desse último, a condição de ser um escrito antigo e muito modificado antes da fixação mais estável da tipografia, exige que outras áreas como a filologia, a história, a arqueologia sejam acionadas para solucionar incontáveis suspeitas e dúvidas. De tal forma, talvez seja necessário usar a estratégia de James Amado ao proceder exaustiva pesquisa sobre os poemas de Gregório de Matos: existe sim uma tradição poliana, muito mais do que um texto de autoria de Marco Polo.

As cidades invisíveis, de Ítalo Calvino, constituem a narrativa contemporânea que retorna para as descrições polianas. Nelas, o motivo do livro são algumas páginas, nas quais o mercador explica os costumes das cidades visitadas, nas páginas 44, 45 e 46. A maior parte do livro não é sobre o grande Cã, mesmo que algumas das descrições ainda guardem a aparência de contabilista, cobrador de impostos ou fiscal prestando contas das perdas e dos ganhos nos domínios do regente. Isso significa que as poderosas e movediças palavras urdidas por Calvino apenas mapeiam uma pequena parte da geografia simbólica do livro de *O Milhão* ou *O Livro das Maravilhas*. Na sua simplicidade, há suficiente ambição para reescrever todo o livro da Idade Média.

À semelhança dos posteriores relatos de viagem, os protagonistas conseguem se salvar das intempéries enquanto muitos nativos experimentados não têm a mesma competência. Fernão Mendes Pinto, em *Peregrinação*, dá conta de como sobrevive aos naufrágios nos quais centenas perdem a vida. Comenta Marco Polo: “Pois não vos minto dizendo-vos que quando entraram nas naus eram seiscentas pessoas, sem a

marinhagem, e todos haviam perecido, salvo dezoito de entre eles”. (POLO, 2004, p. 47) O temor de ser mentiroso novamente faz com que se resguarde reiterando a sua fala de verdade. O relato também está atento à seleção dos fatos mais importantes e que merecem ser passados à posteridade. Sendo assim, o restante da viagem é construído com o recurso da vertigem de que fala Francisco Ferreira de Lima, agora a respeito da *Carta de Pero Vaz de Caminha*. (2004, p. 130) Pois: Quando os mensageiros se despediram de Acatu, puseram-se a caminho e cavalgaram tanto que chegaram a Trebizonde (16), e de Trebizonde a Constantinopla, e de Constantinopla a Negroponto, e de Negroponto a Veneza. Isto foi no ano de 1295 da Encarnação de Cristo. (POLO, 2004, p. 48)

Sempre generoso ao oferecer o que de mais inusitado há nas regiões, afirma que na Armênia Maior, no reino do mongol do Levante, está a Arca de Noé, numa montanha muito alta (o monte Ararat.) (POLO, 2004, p. 52) Essas informações produzem o efeito, também, de montagem da identidade cristã da narrativa.

O tema articulador dessa reflexão comparada entre Polo e Calvino é a riqueza material e simbólica das cidades por onde a narrativa ousa planar. Maravilhado, para ele, nas cidades da Geórgia e suas praças-fortes “há seda em abundância e se tecem brocados de seda e ouro, dos mais formosos”. Portanto, as três motivações às quais se liga a narração de Marco Polo são: a religiosa, a riqueza das cidades e as curiosidades econômicas ou lendárias. A primeira compõe um mapa das relíquias cristãs para além do mundo conhecido. A segunda e a terceira motivações são responsáveis pela alcinha de mentiroso do viajante e, ao mesmo tempo, seu momento de deparar-se com os limites do conhecido e da linguagem para referi-lo.

O DESLUMBRAMENTO DAS CIDADES DO ORIENTE

Marco Polo apresenta uma série de cidades orientais impressionantes pela riqueza, grandiosidade, inovação e exotismo dos seus habitantes. O narrador, aprisionado em uma masmorra de Gênova, ainda está sob efeito cultural da experiência de anos anteriores. Nesse rol de cidades e campos visitado ou sobre ele informado, há as mais ricas, as mais belas, aquela administrada por ele, durante três anos.

Na parte VIII, o narrador destaca que os moradores da província de Camul, na cidade de Camul (46)** , por hábito de hospitalidade, oferecem as suas mulheres aos viajantes. A população revoltou-se após a conquista por um outro povo, os tártaros,

com costumes diversos. Isso pode ser percebido como indício do encontro de culturas, flagrante fenômeno de alteridade. Segundo Marco Polo, o conquistador mongol, Mangu, mesmo tendo avaliado como ato indigno, permitiu que os habitantes continuassem seus costumes de hospitalidade. (POLO, 2004, p. 93) Ao caracterizar a província de Chinchitala, Polo descreve as práticas religiosas: “Pertence ao Grã Cã; há nela castelos e cidades e três religiões: os cristãos, os que adoram a Maomé e os idólatras”. (2004, p. 93)

Em Caraiã – a província dos caras negras, o protagonista se impressiona com o sal e os arrozais em abundância na cidade de Jazi (68), e as grossas serpentes, possíveis crocodilos, da capital Caraiã (69). Movido pelo desejo de justificar, ao que deixa transparecer, a justiça da conquista dos mongóis, explica o costume dos naturais de assassinares os hóspedes. O Outro transporta, na linguagem, carga extra de defeitos no seu modelo de hospitalidade, ou é insensato e promíscuo, quando oferece tudo que tem, inclusive a companheira para o viajante, e quando o assassina. Essas avaliações configuram o futuro modelo colonialista de extinção dos nativos, porque são naturalmente malévolos no seu modo de interagir, isto é, de ser. Eliminam-se obstáculos com a captura e a destruição desse ser através das suas práticas: língua, religião, hábitos cotidianos, como andar nu. Depois, finalmente, a extinção do seu próprio corpo, para que a terra, sempre frutífera, agradável e rica, seja aproveitada e civilizada por quem tenha méritos.

O viajante passa pela cidade das duas torres, o Mien (71). Ao descrever o reino de Bengala, menciona que ainda era independente ao tempo de sua passagem. Talvez por isso, “são os mais fanáticos idólatras” (POLO, 2004, p. 166), além de comercializarem eunucos e escravos. Na província de Congigui (norte do Vietnã atual), destaca o costume dos habitantes de desenharem todo o corpo. (POLO, 2004, p. 166) As tatuagens, na contemporaneidade, são bastante expressivas no ocidente. Nas cidades do Catai, China, a memória é dilatada pelas riquezas, costumes e aspectos históricos. Merece ênfase a cidade administrada por Polo, Iangiu (86), atual Yangzhou, por três anos (2004, p. 178) e a cidade Sianfu (88), a qual ofereceu resistência ao assédio de domínio do Grã Cã. Segundo o tradutor, é inverossímil que os três protagonistas venezianos tivessem determinado o desfecho da guerra, fabricando grandes lançadores de pedras para os tártaros:

O que se pode pensar desta história é que Marco Polo não resistiu à tentação da fabulação para demonstrar, ainda que uma única vez, a superioridade técnica do Ocidente. Entretanto, por infelicidade, o exemplo foi mal escolhido. Porque de um lado o

cerco de 1268 a 1273, período durante o qual os Polo certamente não estavam na China. De outro, as fontes chinesas parecem indicar que durante este cerco memorável foram até utilizadas, pela primeira vez na história, armas de fogo. Assim, Marco Polo encontra-se na má postura do inventor do bodoque em um cerco onde se teria utilizado a pólvora e onde, além do mais, ele não se encontrava. (YERASMOS, 2004, p. 184).

A interferência no cotidiano oriental pelos próprios protagonistas denota vontade de elogiar a cultura européia como na passagem acima e no episódio da fragilidade das embarcações da Índia (POLO, 2004, p. 70). No entanto, tudo se desfaz diante da grandeza do narrado. Polo nunca consegue equilibrar as culturas e as quantidades, a não ser no discurso religioso, que a Europa é sede e o oriente detém as relíquias. Uma vez que o mundo é cristianizado, todos devem prestar homenagem ao Papa.

Após algumas cidades, Marco Polo chega a Quinsai (97), atual Chang'an, a cidade do Céu, “a mais bela e nobre cidade do mundo” (2004, p. 186). Menciona ter visto “com os próprios olhos” o documento que explica a riqueza da metrópole. Nela, a organização civil é feita no sistema de castas: “O rei determinou que cada um deve seguir o mister de seu pai, e ainda que possua 100.000 bizâncios de ouro, não pode escolher outro ofício senão o que tem seu pai”. Segundo ele,

para os lados do Meio-Dia há um lago de trinta milhas de circunferência, rodeado de maravilhosos palácios e grandes e espaçosas casas, tão bem construídas que não podia exigir-se maiores nem mais ricas. Pertencem aos grandes senhores. Há também numerosos conventos e templos pagãos. No meio do lago há duas ilhas, nas quais existem dois palácios esplêndidos, tão bem-adornados que parecem de um imperador. (POLO, 2004, p. 187).

Essas maravilhas arquitetônicas ao redor de um lago se assemelham ao descrito por Fernão Mendes Pinto, quando também é impactado pelas edificações do oriente. Ademais, o nosso protagonista não perde a oportunidade de criticar os seus habitantes, como se as preciosas construções tivessem vindo de outro povo e, por merecimento, passassem para outros que não o nativo. Para ele: “Os habitantes (...) comem carne de cão, de cavalo e de outros animais estranhos, que nenhum cristão comeria, por todo o ouro do mundo” (POLO, 2004, p. 188). Aqui, há outra característica da literatura de viagem, o espanto pela negação: “Como contém muitos tesouros, paga ao Grã Cã tributos elevados, e tão copiosos que, se ouvirdes nomear, não acreditareis facilmente” (POLO, 2004, p. 188). A precisão costumeira dá lugar à impossibilidade ou descrédito da hiperbólica soma. A mesma cidade é exemplo do estágio de civilização do oriente:

Sabei que todas as ruas estão calçadas com lajes e ladrilhos de barro cozido, de forma que a gente passa por elas, a pé ou a cavalo, sem se enlamear. Também direi que conta 3.000 balneários, onde se tomam banhos quentes, muito agradáveis para todos. Os habitantes tomam-nos várias vezes por mês, porque são mais asseados que ninguém. Estes balneários são grandes e espaçosos e podem comportar cem homens ou cem mulheres, ao mesmo tempo. (POLO, 2004, p. 188).

Após o espanto da cidade circunferência, o relato retorna à normalidade da descrição estatal. Eis a organização da província de Mangi e sua capital Quinsai (97), deslumbre circular: a) 1.200 cidades; b) cada cidade guardada por 1.000 homens; c) as maiores chegando a ter 30.000 soldados. Retorno à negação: “E eu nunca poderia contar as riquezas desta província, tão grande elas são”; d) registro de nascimento: “Quando nasce uma criança, (...) os pais inscrevem-na num registro, onde figura o dia, o lugar e a hora do nascimento, e sob que signo, planeta e constelação veio ao mundo” (POLO, 2004, p. 189); e) registro de habitantes: “cada habitante tem por cima da porta da sua casa um letreiro com o seu nome e os de sua mulher, filhos, noras, escravos e ainda tudo o que nela se contém. Se alguém morre, riscam o seu nome e, desta maneira, os governadores da cidade sabem quem são os habitantes que têm na sua jurisdição” (POLO, 2004, p. 190-1); f) há uma igreja cristã nestoriana; g) hospedarias com registros de entrada e saída: “todos aqueles que têm hospedarias e pousada inscrevem os hóspedes no dia e mês que chegam. Assim, o Grã Cã sabe quem entra e sai do seu reino, o que é uma coisa importante para um homem prudente”.

A cidade de Fugiu (104), cujo nome foi mantido até a atualidade, como confirma as notas (POLO, 2004, p. 193) é “atual cidade-porto e capital da província de Fouzhou” (POLO, 2004, p. 198), e seus moradores são antropófagos: “Os habitantes desta terra comem de tudo, até carne humana, se o homem não morreu de doença ou morte natural; se o mataram com arma branca e era são, comem-no todo inteiro e dizem que é uma carne muito boa”. Por esses costumes, são “os homens mais cruéis do mundo, pois matam todos quanto encontram, bebem o sangue das suas vítimas e depois comem-nas” (POLO, 2004, p. 194). O horror do relato faz com que se proponha sempre a mudança de assunto, como se dominasse o processo de relação com o novo: “Deixemos este horror e falemos de outras coisas”. Em compensação, esta cidade “é fadada com todos os dons do Céu” (POLO, 2004, p. 195).

Logo, conclui-se que o povo de Fugiu parece indigno, pelas ações e os costumes culturais, de viver em tal paraíso, isto é, uma terra edênica e um povo satânico (Céu e Inferno). Nas *Cidades Invisíveis*, (CALVINO, 1990) o desconforto causado na narrati-

va poliana oferece a representação pela metáfora. As cidades calvinas não sofrem ameaça externa, nem proposta de exclusão do nativo, mas o esforço por compreender a sua desdita enquanto habitante urbano.

Seguindo o percurso de descrição alfandegária do império mongol, o viajante chega à cidade de Zeitom (107), atual Jingiang, cidade portuária. (POLO, 2004, p. 195) Ela é importantíssima economicamente:

O Grã Cã recebe desta cidade um tributo enorme, porque cada barco que chega da Índia paga dez medidas de cada cem das mercadorias trazidas, não só das pedras finas, como de tudo o mais. Estes barcos pagam fretes de 30 por cento na seda e 44 por cento na pimenta. Pela madeira de aloés e a do sândalo, assim como outras madeiras aromáticas, pagam 40 por cento. De sorte que, entre o frete, o tributo e os direitos, o mercador paga a metade dos lucros do produto que traz. Assim, para o Grã Cã, esta cidade é um tesouro. (POLO, 2004, p. 196)

Por outro lado, a avareza do soberano em relação às mercadorias taxadas pelo porto não devia deixar os mercadores assim tão satisfeitos como o relato parece transparecer. Outra fonte explica também como as autoridades aduaneiras aplicavam, localmente, o regulamento e os índices para a circulação de mercadorias:

Abu-Zaid nos dá conhecimento da organização do comércio em Cantão. Sob a guarda das autoridades chinesas, as mercadorias são então armazenadas até que todos os barcos vindos na mesma monção tenham chegado. A guarda fica garantida durante seis meses. Os direitos cobrados pelos chineses sobre as vendas atingem 30% do valor das mercadorias. O desenvolvimento das trocas marítimas se traduz por uma regulamentação crescente do tráfico. Comissariados de marinha mercante são estabelecidos, nos séculos XI e XII, em Cantão, Hangzhou, Mingzhou e depois Quanzhou (Zayton). Eles são encarregados de coletar as taxas e exercer o monopólio de estado sobre certas mercadorias. As taxas atingem 10% sobre as pérolas, a cânfora e os artigos de pequeno porte, 30% sobre as carapaças de tartaruga, a madeira de pinheiro e os artigos de grande porte; elas são pagas *in natura*. (DRÉGE, 2002, p. 51-2)

As observações do viajante árabe Abu-Zaid estão em conformidade com as prestadas por Polo. De qualquer forma, as taxas de impostos para meios de transportes tão frágeis, os quais poderiam naufragar com muita facilidade, beiravam o absurdo, pelo menos para os leitores contemporâneos do aventureiro veneziano. No final do segundo livro, o possível anotador Rusticiano assusta-se com a riqueza do relato: “São tais as maravilhas que, ouvido o relato, quase não o acreditamos; porém, nós

as enumeramos tal qual no-las referiu Misser Marco”. (2004, p. 197) Para tanto, se há alguma mentira, o seu autor é o dono da narrativa e não o escrevente.

O relato volta-se para a ilha de Cipango, ou Japão, descrevendo a famosa passagem que motivou Cristóvão Colombo a procurar as Índias, segundo nota: “Todas as outras partes do palácio, tetos e paredes, estão cobertas de ouro. É duma riqueza tão deslumbrante que não sei como explicar o efeito assombroso que produz ao ver-se”. (POLO, 2004, p. 200) Narrando sobre a investida dos mongóis nessa ilha, os bem-aventurados de Polo conhecem a derrota finalmente. (2004, p. 203) Ali há homens que não morrem por causa de umas pedras mágicas. A religião do Outro lhe parece negativa: “As patranhas destes ídolos são tão curiosas e de tal forma obras do diabo que será melhor não as descrever neste livro, porque seria um escândalo para os cristãos: assim deixaremos os ídolos e contaremos outra coisa”. (POLO, 2004, p. 204) Dentre as maldades do povo da ilha de Cipango, retorna à antropofagia:

Quando algum homem de Cipango prende outro que não é seu amigo e este não pode resgatar-se por dinheiro, convida os amigos e manda matar o homem que lhe caiu nas mãos e come-o, na companhia dos seus parentes; mas antes fá-lo preparar e guisar convenientemente e dizem que é a melhor carne que há. (POLO, 2004, p. 204)

O repasto é semelhante ao descrito pelos viajantes franceses posteriores, vindos ao Brasil: André de Thevet e Jean de Léry, e o holandês Hans Staden. Todos eles descrevem a antropofagia dos tamoios e tupinambás como uma festa, na qual participam os próprios captores e os parentes vindos de outras tribos. O festim é proporcionado pela bravura do guerreiro aprisionado, que, como citado no romance de Antônio Torres, *Meu querido canibal*, (2001, p. 43) vocifera que no seu corpo há partes de parentes daqueles que vão comê-lo, do primo de um, do filho dessa, do marido ou pai daquela. A questão é se não estaria na fonte poliana, livro que todos os viajantes leram, a caracterização do nativo americano? Assim, teríamos de contornar ou duvidar de fontes tão bem aplainadas da tradição do canibal brasileiro, por exemplo?

A respeito das viagens marítimas, Drège nos conta as dificuldades de navegação:

A viagem do golfo pérsico à China levou oito meses, aproveitando a monção. A volta não pôde ser feita a não ser depois de ter liquidado as mercadorias e encontrado uma outra carga. Era necessário ainda esperar a mudança da monção para poder aproveitar os ventos. Tudo isso leva mais de um ano. Segundo o mercador Soláiman, os comerciantes árabes se organizam em Cantão sob a autoridade

de um chefe, também muçulmano e responsável por seus correligionários junto às autoridades chinesas. (2002, p. 51).

As informações do comerciante mouro estão bem conforme o relato das maravilhas: “Quando as naus de Zeitom e Quinsai atracam ali, é sempre com grandes proveitos e lucros. Mas, para ali chegarem, levam um ano, pois vão com dois ventos: um que os leva e outro que os traz. E um sopra no inverno e o outro, no verão.” (POLO, 2004, p. 204)

Como num universo conceitual, onde os limites são materiais, até onde podem ir as naves espaciais, as bordas do relato de Marco Polo, suas fronteiras da memória, estão dependentes da função objetiva da linguagem, que é contar dos domínios ou dos lucros do grande Cã. Por isso:

Esta região está muito afastada do caminho da Índia e dizem que se chama mar da China [Polo não sabe que sempre esteve na China, que é a mesma Catai, vai se aguardar até o século XV, para que se desvende esse mistério], e eu lhe chamo mar Oceano. Pois diz-se mar da Inglaterra ou mar da Rochela, assim como aqui mar da China e mar das Índias, mas são todos um só, que é o mar Oceano. Dir-vos-ei por que não falo mais destas regiões: estão muito afastadas e ali não chegamos. Nem o Grã Cã tem nada que ver ali, nem lhe pagam nenhum tributo, de modo que voltarei a Zeitom. (POLO, 2004, p. 205-6, comentário nosso)

O narrador tem três atitudes perante a borda ou limite: a) do nome do mar, por não conhecer, acaba por renomear à sua maneira; b) ao utilizar a expressão “e ali não chegamos”, ele assume a identidade do grande império; c) o objetivo comercial ou de exploração é única maneira de relação entre o grande império e os outros povos, portanto, é uma viagem também capitalista.

ÍTALO CALVINO: RETORNO METAFÓRICO ÀS CIDADES DE MARCO POLO

O jogo semântico pela captação da memória poliana faz Ítalo Calvino empreender busca de um dos aspectos atrativos daquela viagem narrativa em prol da ampliação do mundo. As cidades são eleitas para amarrar uma conversa labiríntica e enigmática, acima do tempo, entre dois homens, cujas imagens díspares tentam contornar as diferenças de anseios, de língua e de condição cultural. Calvino, também perseguindo

as fronteiras, mas para rasurá-las, se explica nas Cidades Contínuas 4. (1990, p. 138-139) O narrador, ao descrever a cidade de Cecília, discute sobre o limite dos objetos e do discurso. No ponto de vista do pastor, a cidade é a limitação dos pastos, para o narrador das cidades, os campos de alimentação das cabras são as fronteiras das cidades. A narração é irônica porque as linhas divisórias são fluidas e mudam de lugar, atordoando tanto ao condutor dos caprinos quanto ao viajante. “Os espaços se misturam – disse o pastor –, Cecília está em todos os lugares; aqui um dia devia existir o Prado da Salva Baixa. As minhas cabras reconhecem as ervas da calçada”. (CALVINO, 1990, p. 139)

Em outro momento, o narrador descreve a cidade de Quinsai. Numa lembrança *Às Mil e Uma Noites*, a discussão ocupa toda a noite, numa tentativa do soberano questionar o relato de Marco Polo. Nas fronteiras do sono interrompe-se a questão e o lembrar: “As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo. – Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco”. (CALVINO, 1990, p. 82)

O livro de Calvino é construído sob um conjunto de onze temas relacionados à cidade, todos escritos em cinco capítulos cada. São eles:

- 1- Memória: 5 capítulos (páginas 11, 12, 14, 19, 30).
- 2- Desejo: 5 capítulos (páginas 13, 16, 21, 45).
- 3- Símbolo: 5 capítulos (páginas 17, 23, 34, 47, 59).
- 4- As cidades delgadas: 5 capítulos (páginas 24, 36, 49, 61, 71).
- 5- As cidades e as trocas: 5 capítulos (páginas 38, 51, 62, 72, 83).
- 6- Os olhos: 5 capítulos (páginas 53, 64, 73, 85, 97).
- 7- O nome: 5 capítulos (páginas 65, 74, 87, 98, 114).
- 8- Os mortos: 5 capítulos (páginas 76, 89, 101, 116, 127).
- 9- O céu: 5 capítulos (páginas 91, 103, 117, 130, 136).
- 10- As cidades contínuas: 5 capítulos (páginas 105, 118, 132, 138, 142).
- 11- As cidades ocultas: 5 capítulos (páginas 119, 134, 140, 144, 146).

No primeiro capítulo, o narrador questiona se o imperador “Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Polo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior atenção do que a qualquer dos seus enviados ou exploradores.” (CALVINO, 1990, p. 9) Os dois aspectos, crédito e prazer, fazem de Polo um tipo de Sherazade do império. A marca temporal logo aparece:

enrolando um depois do outro os despachos que anunciam o aniquilamento dos últimos exércitos inimigos de derrota em derrota, e abrindo o lacre dos sinetes de reis dos quais nunca se ouviu falar e que imploram a proteção das nossas armadas avançadas em troca de impostos anuais de metais preciosos, peles curtidas e cascos de tartaruga. (CALVINO, 1990, p. 9).

É o tempo da conquista, da submissão do diferente ao mesmo. A conquista, como tema da literatura, é tão forte que o próprio narrador, igualmente ao relato de *O Livro das Maravilhas* (POLO, 2004), assume a identidade do império com “nossas armadas”. No momento em que o protagonista Polo faz a síntese dos inusitados locais ao Khan***, aparece “a soma de todas as maravilhas” na aparência, que, na verdade, “nos fez herdeiros de suas prolongadas ruínas”. (CALVINO, 1990, p. 9-10) A força da metáfora aparece ao imperador com o gosto da ambição e do perigo: como a filigrana de um desenho tão fino cuja delicadeza ilude o cupim, símbolo de todos os desejosos de devorar os tesouros do império. Por um fator de interpretação, o próprio Marco é cobiçoso, seria um cupim, pois se instala na hierarquia de poder do grande império, sendo um dos seus funcionários. Assim como todos os barões e generais do Khan, que, uma vez inebriados pelo fulgor das riquezas conquistadas, resolvem tomá-las para si, como conta o relato do século XIII, aqui reconstruído pelo ofício do itertexto.

Os capítulos estão organizados em progressão numérica, de forma que os primeiros se repetem duas vezes (A cidade e a memória 1 e 2) e depois se alternem, como também “As cidades ocultas” terminem o livro numa seqüência. Essa organização dá a entender a noção de inacabamento, como se, em vez de estar terminando o livro, por aí estivesse começando o percurso pelas cidades. Os capítulos são precedidos e concluídos com fragmentos impressos em itálico, cujo teor são diálogos entre Marco Polo e Kublai Khan. A sua ordem, de outro modo, faz entrever que se trata de um grande conto fragmentado, no qual as observações de Marco Polo são rebatidas, acordadas e discutidas pelo Khan.

Em “As cidades e o desejo 1” (CALVINO, 1990, p. 13), sobre a cidade de Dorotéia, o narrador utiliza dois pontos de vista para falar da cidade: o geográfico e frio e o sentimental com o testemunho do camaleiro. A descrição se aproxima da grande cidade chinesa de Ciangã, no *Livro das Maravilhas*. (POLO, 2004, p. 186) A cidade tem semelhança com as fortalezas medievais, como as pontes levadiças, cuja descrição não existe no relato do livro de *O milhão*.

“As cidades e os símbolos 1” (CALVINO, 1990, p. 17-18) apresentam a cidade de Tamara. Nessa cidade, há a necessidade do andarilho interpretar os símbolos do caminho. Principalmente, aqueles de que depende a sua sobrevivência: tigre, água,

fim do inverno. (CALVINO, 1990, p. 17) Dessa mesma forma, o narrador do livro-fonte está preocupado, porque sempre aconselha sobre a existência de água potável, de comida em abundância ou escassez, para que o viajante tenha êxito na sua travessia. Em Tamara, pendem placas nas paredes; há imagens; somente as instituições simbólicas não portam identificação: “o palácio real, a prisão, a casa da moeda, a escola pitagórica, o bordel”. (CALVINO, 1990, p. 18) As mercadorias também são simbólicas; Calvino menciona o comércio de livros: “os volumes de Averróis, sabedoria” (1990, p. 18). Também, o primeiro Marco Polo descreve uma cidade com identifi-cações nas paredes das casas: Gianfu. (2004, p. 190) No entanto, o narrador acaba por afirmar a dificuldade, por entre os símbolos, de saber como é esta cidade. (CALVINO, 1990, p. 18)

No texto final da primeira parte, se estabelece um perfil do império do Khan: “Os embaixadores eram persas armênios sírios coptas turcomanos; o imperador é aquele que é estrangeiro para cada um dos seus súditos e somente por meio de olhos e ouvidos estrangeiros o império podia manifestar a sua existência para Kublai.” (CALVINO, 1990, p. 25) Nessa parte, as línguas, uma das fortes materialidades das viagens do Marco Polo medieval, são revistas:

Em línguas incompreensíveis para o Khan, os mensageiros referiam notícias ou-vidas em línguas que lhes eram incompreensíveis: desse opaco espessor sonoro emergi-am as cifras arrecadadas pelo fisco imperial, os nomes e os patronímicos dos funcioná-rios depostos e decapitados, as dimensões dos canais de irrigação que os rios magros nutriam em tempos de seca. (CALVINO, 1990, p. 25)

O relatório de Polo é mais animado e preciso, assim como a estratégia dos em-blemas: “Na mente do Khan, o império correspondia a um deserto de dados lábeis e intercambiáveis, com grãos de areia que formavam, para cada cidade e província, as figuras evocadas pelos logogrifos do veneziano”. (CALVINO, 1990, p. 26) A saída para a crise de grandeza era tornar o império em algo simbólico para, assim, possuí-lo:

O império, pensou Kublai, talvez não passe de um zodíaco de fantasmas da mente: – Quando conhecer todos os emblemas – perguntou a Marco –, conseguirei possuir o meu império, finalmente? E o veneziano: – Não creio: nesse dia, Vossa Alteza será um emblema entre os emblemas. (CALVINO, 1990, p. 26)

A descrição da cidade de Eufêmia, “localizada a oitenta milhas de distância contra o vento noroeste” (CALVINO, 1990, p. 38) se assemelha a Zeitom, na China.

Aqui, ocorre o curioso processo de síntese das informações do primeiro Marco Polo, confirmadas por estudos posteriores: “(...) onde os moradores de sete nações convergem em todos os solstícios e equinócios” (CALVINO, 1990, p. 38), o que significa um ano de viagem. Agora comparemos com as observações do *Livro das Maravilhas* e o relato de Abu-Zaid (DRÈGE, 2002, p. 51), ambos citados.

Protegido por documentos que assumem a feição de fontes (o livro de Marco Polo e relatos árabes e chineses), para além do histórico, o trabalho ficcional de Calvino vai ao encontro da síntese respeitosa e, ao mesmo tempo, a rasura documental pelo desmoronamento provocado no jogo metafórico. Esse mesmo jogo é aprofundado pelas idéias de Paul Ricoeur sobre a *Metáfora Viva*, no qual, implosão do sentido literal e raspagem dos vários textos sobrepostos no documento — palimpsesto — constituem uma das facetas do trabalho literária na contemporaneidade. Segundo Ricoeur:

Ora, essa auto-destruição do sentido condiciona, por seu lado, o desmoronamento da referência primária. Toda a estratégia do discurso poético se joga nesse ponto: ela visa obter a abolição da referência pela auto-destruição do sentido dos enunciados metafóricos, auto-destruição tornada manifesta por uma interpretação literal impossível. (RICOEUR, s/d, p. 343)

O processo de desmoronamento, ou a crise heideggeriana, é explicado: “(...) é apenas o reverso de uma inovação obtida pela ‘torção’ do sentido literal das palavras. É essa inovação de sentido que constitui a metáfora viva.” (RICOEUR, s/d, p. 343) No jogo metafórico, riso e fingimento, flerte e mascaramento, Ítalo Calvino acaba por torcer o sentido do relato de Marco Polo, não para desautorizá-lo, creio eu, mas para posicionar a sua contribuição, muitas vezes soterrada pelas camadas de tradição, cujo poder é de torná-lo literal. Compreenda-se essa literalidade como o inacreditável, o inaudível, o ficcioso.

Para o narrador, mais importante que as maravilhas negociadas na cidade, em diferença com o livro-fonte, são as histórias e os traços de experiência realizadas no mercado à noite:

E sabem que na longa viagem de retorno bamboleando no camelo ou no junco, puserem-se a pensar nas próprias recordações, o lobo terá se transformado num outro lobo, a irmã numa irmã diferente, a batalha em outras batalhas, ao retornar de Eufêmia, a cidade em que se troca de memória em todos os solstícios e equinócios. (CALVINO, 1990, p. 38-9)

No “Texto inicial” da parte 3, (CALVINO, 1990, p. 43) o Khan inverte os papéis e resolve descrever cidades para que Polo confirme sua existência ou não. O viajante veneziano sabe que as cidades têm um fio condutor, “um código interno, uma perspectiva, um discurso”. (CALVINO, 1990, p. 44) Ele as compara ao sonho:

tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (CALVINO, 1990, p. 44)

Eis a essência da cidade, segundo o viajante: “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas”. (CALVINO, 1990, p. 44) Há, novamente, a rasura do primeiro texto, que, mesmo tencionando falar da cristandade, fixa os mitos da riqueza material, pelo poder inerente aos mongóis. Assim, o *Livro das Maravilhas* deseja ser um dos grandes manuais de capitalista, enquanto *As Cidades Invisíveis* querem tornar ao projeto oriental, do Outro, como detentor das maravilhas filosóficas e espirituais. Essas maravilhas subjetivas foram muito fortalecidas nos anos das guerras do Vietnã e do Camboja, perpetradas pelos Estados Unidos, mas em nome de empresas petrolíferas e comerciais, naquele lado do oriente comunista. Na Europa, aconteciam as revoltas estudantis e os movimentos espiritualistas com os *gurus* e a proliferação das drogas alucinógenas. *As Cidades Invisíveis*, publicadas em italiano em 1972, procuram por uma viagem utópica para fora do esvaziamento e da dor capitalistas.

Por outro lado, em “As cidades e os símbolos 5” (CALVINO, 1990, p. 59-60), sobre a cidade de Olívia, o narrador trabalha a metalinguagem: “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles” (CALVINO, 1990, p. 59); assim, admite que o discurso pode se diferenciar do ser descrito:

Pode ser que isto você não saiba; que para falar de Olívia eu não poderia fazer outro. Se de fato existisse uma Olívia de bífures e pavões, de seleiros e tecelãs de tapetes e canoas e estuários, seria um mero buraco negro de moscas, e para descrevê-la eu teria de utilizar as metáforas da fuligem, dos chiados de rodas, dos movimentos repetidos, dos sarcasmos. A mentira não está no discurso, mas nas coisas. (CALVINO, 1990, p. 60)

A inapreensível realidade é questionada, residindo nela, portanto, a necessidade do manejo de figuras poéticas subjetivas e ambíguas. De tal forma, o livro do primeiro Marco Polo, que, descrevendo a realidade inédita para o ocidental, somente adentra o reino lingüístico do metafórico e do hiperbólico. Enquanto não se configura como referência literal, conhecimento legitimado, qualquer descrição do novo se aproximará da mentira tanto quanto da ficcionalidade. Um autor como Ítalo Calvino está ciente de que a referência literal é alcançada com signos e objetos lingüísticos, ideológicos e bélicos. Por isso, o ocidente acostumou-se a ver como sinônimos conhecer e conquistar. Resta experimentar, nas duas narrativas bordejadas, se o Outro se rende a esse conhecer.

No capítulo sobre “As cidades e o nome 1” (CALVINO, 1990, p. 65-66), a cidade de Aglaura é ilusória porque “nada do que se diz a respeito de Aglaura é verdadeiro, contudo permite captar uma imagem sólida e compacta de cidade, enquanto os juízos esparsos de quem vive ali alcançam menos consistência” (CALVINO, 1990, p. 65). Isso permite perceber que o discurso sobre a cidade é mais forte que a sua vivência. Eis a explicação: “e mesmo para mim, que gostaria de conservar as duas cidades distintas na mente, não resta alternativa senão falar de uma delas, porque a lembrança da outra, na ausência de palavras para fixá-la, perdeu-se” (CALVINO, 1990, p. 66). As observações completam o sentido iniciado sobre Olívia. A força do discurso deve ser sempre questionada, mas a sua validade, talvez por escolha da própria cultura de onde nasce o livro, é inegavelmente poderosa. Do mesmo modo, como instância discursiva, *O Livro das Maravilhas* deve ser questionado e trazido à presença do crivo contemporâneo. Há outros modos de perceber a cidade, mas, freqüentemente, vence o modelo discursivo, seja por construções de verdade ou de mentira. Como reclama o narrador, mente ou erra o mundo que não se apresenta de maneira fácil para ser representado.

O diálogo enigmático dos dois protagonistas propõe a questão da linguagem e a existência do mundo. “Polo: ... Pode ser que os terraços deste jardim só estejam suspensos sobre o lago das nossas mentes... Kublai: ... E por mais longe que as nossas atribuladas funções de comandante e de mercador nos levem, ambos tutelamos dentro de nós esta sombra silenciosa, esta conversação pausada, esta tarde sempre idêntica”. (CALVINO, 1990, p. 109) A realidade é percebida através do discurso, da linguagem, na seara de filósofos como Martin Heidegger (2002) e Ludwig Wittgenstein (1995). A linguagem a refaz construindo à base de ideologias e visões de mundo. “Polo: ... A menos que não se dê a hipótese oposta: que aqueles que se afanam nos

acampamentos e nos portos só existem porque nós dois pensamos neles, fechados neste tapume de bambus, sempre imóveis”. (CALVINO, 1990, p. 109)

Kublai possui a obsessão literária de conter todo o império assim como os dois filósofos alemães o desejam (o real) pelo pensamento. Tal necessidade do personagem retorna no texto inicial da “Parte 8”. (CALVINO, 1990, p. 111-113) Para tanto, imagina o xadrez como o detentor das regras que o façam desvendar os segredos dos seus domínios: “Ao contemplar essas paisagens essenciais, Kublai refletia sobre a ordem invisível que governava a cidade, sobre as regras a que respondiam o seu surgir e formar-se e prosperar e adaptar-se às estações e definhando e cair em decadência”. (CALVINO, 1990, p. 112) A busca do nada, do término, estaria por trás das discussões filosóficas.

O soberano refere-se às cidades visitadas pelo primeiro Marco Polo: Cambaluc, Quinsai. Na fala de Kublai, o poente é o ocidente, como grande motivo para o livro das cidades e interpretação do primeiro livro. Questionado sobre como relatará a seus conterrâneos as suas viagens, o mercador responde:

Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os companheiros de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado aos ferros na mesma cela de um escriba de romances de aventura. Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido. (CALVINO, 1990, p. 123)

O Grã Khan possui um atlas do mundo, em que há três tipos de cidades: a) as que Marco Polo conhece; b) as que ele ouviu falar; c) e as que ele inventa. Nesta última categoria, constam as cidades modernas, o restante do mundo mantido no futuro do primeiro Marco, e construído a partir do seu relato de viagens, como as navegações e as descobertas confirmam.

Enfim, *O Livro das Maravilhas* e *As Cidades Invisíveis* encontram-se ligados pela vontade de narrar, pelo gosto da viagem, seja através dos lombos dos camelos e dos conveses dos barcos, seja pela enunciação de uma forma mais clara de compreender o humano. As duas viagens estão no limiar da contingência da crise do ser, seja para tomar posse visual do espaço como um todo, escapando da armadilha do mito de idéias religiosas e morais, seja pela percepção mais apurada das nossas ansiedades. Sabe-se que uma das ansiedades, do tempo de Marco Polo ao de Ítalo Calvino, é a cidade. Amparados nela, por confiança ou por materialidade, em Calvino elas já estão

em todos os espaços, numa verdadeira inflação de urbes. Se Polo cobiça e Calvino duvida, os dois são marcos literários indubitáveis de que ela, sob muralhas ou parabólicas, venceu. No entanto, tendo vencido, resta-nos desconfiar da sua saúde e da sua vitalidade, tal qual o império que ruí sobre a própria grandeza, para que não nos tornemos as ruínas de Leônia.



NOTAS

* Grafia da edição consultada, publicada pela editora L&PM.

** A numeração posta junto às cidades de Marco Polo corresponde à ordem de aparição da cidade na narrativa. Nesse caso, Camul é a quadragésima sétima. Em anexo, há um roteiro completo das cidades de *O Livro das Maravilhas*.

*** A grafia Kublai Khan é retirada da edição de *As Cidades Invisíveis* consultada.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DRÈGE, Jean-Pierre. O tempo dos mercadores. In: _____. *Marco Polo e a rota da seda*. Tradução de Ana Roiter. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- GIL, Juan. Viajes y viajeros. Modalidades y motivaciones desde la Antigüedad clásica hasta el Renacimiento. In: CRISTÓVÃO, Fernando. *O olhar do viajante: dos navegadores aos exploradores*. Coimbra: Almedina, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 12. ed. Tradução por Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002. II v.
- LIMA, Francisco F. de. *O Outro Livro das Maravilhas – a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Rio de Janeiro/Salvador: Relume Dumará/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998.
- LIMA, Francisco F. de. Os atropelos do olhar: Caminha e as maravilhas de Santa Cruz. In: *LÉGUA & MEIA – Revista de Literatura e Diversidade Cultural*. PPGLDC - UEFS, Feira de Santana/Ba, Ano. 3, nº 2, 2004.
- PINTO-CORREIA, João David. Deslumbramento, horror e fantasia: o olhar ingênuo na Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando. *O olhar do viajante: dos navegadores aos exploradores*. Coimbra: Almedina, 2003.
- POLO, Marco. *O livro das maravilhas*. Trad. Elói Braga Junior. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Metáfora Viva*. Trad. Miguel Baptista Pereira. Porto: Rés, s/d.
- TORRES, Antonio. *Meu querido canibal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico*. Investigações Filosóficas. 2. ed. Trad. ? Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

A cidade das maravilhas, leituras de Marco Polo e Ítalo Calvino The Wonder city: readings of Marco Polo and Italo Calvino

RESUMO

Este estudo aborda dois livros paradigmáticos: *O Livro das Maravilhas*, de Marco Polo, ousa apresentar parte do mundo encoberta pelos finos tecidos do mito e da lenda. *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, reescreve as viagens do mercador veneziano por entre metáforas e diálogos filosóficos. Tratando das cidades do oriente, o objetivo é religar as narrativas ao debate contemporâneo da literatura num circuito para a cultura e suas implicações. Autores como Paul Ricoeur, Francisco F. de Lima e Martin Heidegger conduzem a argumentação.

Palavras-chave: Marco Polo; Ítalo Calvino; Cidade; Oriente; Literatura de Viagem.

ABSTRACT:

This study analyses two paradigmatic books: *The Travels of Marco Polo*, that shows part of the occult world with fines textures of the myth and legend. *The Invisibles Cities*, by Italo Calvino, rewrites the travels of venetian merchant between metaphors and philosophic dialogues. Discussing about oriental city, the object is to meet this narratives with actual contest of the literature on line cultural studies and yours consequences. Paul Ricoeur, Francisco F. de Lima e Martin Heidegger are authors that conducts the argumentation.

Key words: Marco Polo; Ítalo Calvino; City; East; Travel Literature.

Recebido: 20/11/2007

Aprovado: 16/04/2008



PINHO, Adeíto Manoel. A cidade das maravilhas, leituras de Marco Polo e Ítalo Calvino. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, v. 6, nº 4, 2008, p. 85-103.

Adeíto Manoel Pinho é Professor Adjunto de Literatura Brasileira da UEFS; Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tem vários trabalhos publicados em periódicos e jornais. É o coordenador a área de Literatura da Universidade Estadual de Feira de Santana.